

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA

2 DE JANEIRO

ANNO 1. N. 23.

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & H. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre 25.000 réis para esta cidade; pagamento adiantado.

PUBLICA-SE

NO RIO GRANDE

1874

AMERICA

ANNO NOVO!

Saudamos cordialmente aos nossos leitores.

Também o dia de hontem foi saudado em seu despertar, pela alegria do céu, e pelo triste silencio da terra, mais tarde pelo sol, que também illuminou a nova época de 1871!

O anno de 1870, teve para o Brasil dias memoraveis, tal é o de 1.º de Março, em que extinguiram-se as calamidades que por tanto tempo encheram de luto e pranto, a grande familia brasileira!

Essa hecatombe sanguinolenta, que rios de lagrimas também fez correr, desapareceu do pensamento da humanidade, mais bem pela Providencia Divina do que pela casualidade!

Os sacrificios eram já demasiados e necessitavam ter um paradeiro.

O auge de carne humana, o patibulo de victimas illustres estava erigido no Paraguay, apesar do unanime protesto da civilização que irrisoriamente era todos os dias esquecida, calcada aos pés inhumanos de barbaros inimigos, e para colmo da desgraça horrificamente despresada!

Porém semelhante attentado contra Deus, não podia continuar por mais tempo, a Providencia guiando os passos de Camara, deu cassa em Aquidaban, ao moderno Neró que se denominava Lopez; restituiu a paz à nossa cara patria, ao passo que vingava para sempre os insultos de que ella havia sido victima.

De outra tão grande felicidade não se jactam, os povos do velho mundo, que pela guerra franco-prussiana e pela decadencia da França vêem-se ameaçados de uma confagração geral!

Os preceitos humanos, foram esquecidos, para dar lugar a deusa da vingança, que pelo territorio francez, substitue a abundancia pela miseria, a generosidade pela barbara carnificina!

A heroidade succumbe ao numero, a vontade é machucada, e o vencedor sedento de sangue, satânico pelo exterminio, ostenta-se orgulhoso sobre o territorio conquistado, através de todos esses obstaculos que transformam campinas florisscentes por caudalosos rios de sangue, palacios magnificos por ruinas, o progresso pelo retrocesso!

A civilização refugia-se no escondrijo do barbarismo, a sciencia desfilou entre corpos moribundos, a litteratura abandona-se aos azares da negra sorte das armas!

Nós terminamos com esse mal, regosijemo-nos; elles principiaram, deploramos com vehemencia esse arrebatado, indigno de povos tão adiantados.

O que será o novo anno de 1871?

Todos ignoram, elle depende do porvir; pois bem, confiemos em Deus, para que esse porvir seja mais bondoso que os legados do passado!

Doas palavras a brasileiros e portuguezes.

Com o titulo que serve de epigraphe a este artigo, corre por ahi impresso um opusculo, producção de uma habil penna portugueza, e que por acaso chegou ás nossas mãos.

O autor desta obrinha litteraria é o Sr. J. A. Torres, a quem não conhecemos, porém que contudo apertamos a mão.

Não se conclua pelo que temos dito, que abraçamos em toda sua totalidade as idéas desse escriptor; acitamos-as em parte naquillo que diz respeito a maior confraternidade dos cidadãos brasileiros e portuguezes: — desprezamos-as porém, quando desviando-se do recto caminho da imparcialidade, nos irroga censuras que não merecemos e estamos muito longe de merecel-as.

Não é uma analyse que vamos fazer de sua obra, porque para isso nós faltaríamos tempo e até talento; vamos apenas fazer sentir ao illustrado escriptor que as bases q' julga solidas, e em que fundamentou sua accusação, peccam pela falta de provas, peccam pela nenhuma imparcialidade, peccam por não serem verdadeiras; sobresaem pelo despeito que se nota em não pequena quantidade: facto este que tira todo o merito á concepção da mesma obra, porque merito de certo ella teria, não já, porém no futuro, se por acaso as idéas do escriptor nella, confidas pudessem mais consolidar a grande amizade, respeito e criterio, que nós brasileiros tributamos de ha muito á nossos irmãos de além-mar.

O que avançamos, é demasiado sabido por todos os portuguezes, residentes, ao menos nesta provincia, e que não serão capazes de negar sem faltarem á verdade, sem renegarem seus filhos.

Entre outras censuras diz o illustrado escriptor: que as prevenções a respeito de nossos irmãos portuguezes, alcançam além do vulgo ignorante; e para provar esta sua asserção, traz á arena da discussão, o protesto de Theophilo Ottoni, desse vulto ingente,

quando se erigiu o monumento no Rio de Janeiro a D. Pedro I!

Empresta, no grande coração desse chorado brasileiro, momentos amargos de odio e capricho que são verdadeiros contrastes em comparação com os innumos actos de sua vida, com a grandiosa idéa da liberdade, de que era um dos primeiros apostolos esse saudoso brasileiro.

E tudo porque?

Para sustentar acereamente as futilidades de seus argumentos, no intento de provar, genericamente, fallando, que todos os brasileiros, tributam odio de morte aos cidadãos portuguezes, sem ao menos recordar-se que a boa logica regeita esse indigno modo de pensar, e que a maior parte dos brasileiros, decendentes de portuguezes, para pautarem seu procedimento, pelas idéas do illustre escriptor que alludimos, seriam o azorrague ou o carrasco de seus pais!

E ficará bem conservarmos-nos silenciosos ante uma accusação tão forte e que não tem o minimo vislumbre de veracidade?

Não; mil vezes não.

Esta contestação logica, temos certeza, não será só emanada do coração brasileiro, senão dos bons portuguezes residentes nesta parte do Brasil, porque os brasileiros Sr. Torres, não são um povo de barbaros, como V. S. os quer taxar.

O facto de sua censura, relativamente ao protesto de Theophilo Ottoni, poderia ter algum motivo de fundamento, se este eminente tribuno fosse daquelles que preferem as trevas á luz.

O illustrado escriptor do opusculo *doas palavras*, não devia desconhecer, que a imaginação robusta em que vivem e acalentam-se os raios vivificantes da liberdade, despreza completamente essas fofas demonstrações do direito heridario, que consagra-se a um rei; e que estes consagram aos seus humilhes vassallos, por actos, cujo merito consiste apenas, no sustentculo do throno, assim como muitas vezes no martyrio do povo.

Exemplo, que não deixa de ter importancia neste momento, é o proceder da deputação norte-americana, quando tratou-se na camara de erigir uma estatua á memoria do immortal Washington; por varias vezes que esse projecto foi apresentado, foi eloquente e vantajosamente combatido e rejeitado por maioria de votos.

Deduz-se disto, que o cidadão preclaro, cujos servios estão patentes, não necessita que se lhe erija um monumento.

E em resumo o que um é monumento?

Um pedaço de metal, o metal nunca valeu mais que a reputação de um cidadão amado e venerado pelo seu povo; nunca valeu mais do que o conceito deste para aquelle que foi o semideus de suas liberdades.

Um pedaço de bronze ou metal, é a dádava de um senhor, e no presente de um senhor, destaca-se apenas o reconhecimento de um serviço particular dando-lhe um caracter de geral, que não tem, porque quando esse serviço é geral, não precisa de distincções, elle fica gravado no coração, na memoria dos povos, que são a historia das nações, e que o transmittem de geração em geração, sem mais pompa, que a do reconhecimento d'alma, sem mais alarde que o da veneração de um amor puro: é este um dos pensamentos mais nobres, que abandonando a rotina, o servilismo e as trevas, abrangem na luz radiante do dia a immensidade da terra, derramando sobre ella a liberdade e em seguida o engrandecimento.

A idéa de Theophilo Ottoni, foi grandiosissima no momento, em que a inspiração lhe fez lavar um protesto, porque em seu livre coração elle parecia guardar a immensidade do Brasil, e não via por consequencia um motivo que desse lugar para que se erigisse no campo onde imperava a deusa da liberdade, uma estatua de bronze.

O Sr. Torres, porém, nega essa grandeza de pensamento e a quer confundir no terreno do servilismo, dando-lhe uma côr ridicula, e querendo a toda força que ella seja a prova do que não existe: — odio inveterado entre brasileiros e portugueses!

A igualdade de idéas e de pensamento, não conhece no orbe terrestre um ser mais elevado do que a soberania popular; o cidadão eleva-se por seus actos bons, e não espera outra recompensa que a eterna amizade de seus compatriotas.

Como pois escurecer a igualdade, erigindo um monumento á memoria de um outro cidadão?

Acaço a recompensa de serviços que lavaram em parte a felicidade de uma nação, paga-se com um pedaço de bronze ou metal esculpido e erigido em praça publica?

Não seria acaço essas estatuas um eterno ludíbrio ás cinzas daquelle que sacrificou todos os dias de sua vida ao engrandecimento de seu paiz? Representará esse bronze, mais sentimentos do que a dôr guardada no tabernaculo sagrado do coração?

Julgamos que não, pois que o bom senso, a gratidão das almas grandes, e a igualdade perante o mundo e Deus, rejeita com soberano desprezo esses servis exemplos de sentimento e memoria.

Em seguida o Sr. Torres dirige palavras cheias de acrimonia á imprensa brasileira, por ser ella a nossem pensar, inimiga capital dos cidadãos portugueses!

Sua apreciação necessitaria de provas e elle foi buscá-la, no proceder atacante do *Correio da Europa* por occasião do referir-se ao estado da guerra que o Brasil sustentou com o Paraguai!

Queixa-se que a imprensa brasileira

tivesse combatido como elle cumpria a apreciação erronea e atacante do jornal portuguez *Correio da Europa*, quando a imprensa da França, da Alemanha e da Inglaterra, nos era hostil, e tambem nos atacava, seja dito de passagem não com tanta acrimonia, e que nunca mereceu de nossa parte uma resposta tão categorica como ao acervo de insultos do *Correio da Europa*.

Diz tambem que por esse motivo os portuguezes residentes no Brasil foram acerbamente perseguidos: é esta uma calunnia a que não responderemos porque está muito áquem de merecer uma resposta.

Contra este facto, protestam os cidadãos portuguezes, que sendo assignantes do *Correio da Europa* despediram-se immediatamente desse jornal.

Agora, se nos referimos ao acervo de insultos do *Correio da Europa* contestado dignamente pela imprensa brasileira, vemos que o Sr. Torres com toda sua erudição e vastos conhecimentos vem em nosso apoio.

Não contestamos categoricamente a imprensa, ingleza, allemã e franceza, e contudo o fizemos á imprensa portugueza.

Qual a razão?

Tributando nós sincera amizade a patria de Camões, sendo a ella ligados pelos laços de sangue, sendo della irmãos nos costumes e no estilo, é muito logico que uma censura partida do centro dessa nação muito nos chocaria, como nos chocou.

Não será doloroso, vermos um nosso principal amigo trahir-nos sem que para isso hajamos dado motivo?

E' muito claro que sim.

Quanto ao proceder da demais imprensa estrangeira, bem pouco abelo nos causou; não eram nossos amigos, e por consequencia de uma pessoa indifferente, é uma casualidade receber-se um beneficio, e por isso toda e qualquer idéa livremente emitida e contrariada nossem não seria motivo sufficiente, para responder-lhes com a dignidade que exige aquelle que dizendo-se nosso amigo nos trahia, como nos trahiou o *Correio da Europa* vendido ao outro de Lopes, gotejante de sangue!

Continúa o Sr. Torres a tratar mais adiante, das questões de dinheiro: á esta questão não ligamos importancia, se porém formos impellidos á della tratar, fal-o hemos com toda a imparcialidade, e demonstraremos que se o Sr. Barão de Nova Friburgo, é rico não o deve contudo no seu grande trabalho, mas sim ás inicias de seu título que se ostentam no frontispicio de sua palacete, e que no Rio de Janeiro tem uma expressiva significação.

Toda a fortuna adquirida sem muito trabalho, nem sempre é um engrandecimento para a nação, mas sim muitas vezes origem de grandes ruinas, onde só é martyrisado o cidadão pobre e sem protecção.

Vamos terminar, pois que nos temos esprauiado mais de que aquillo que compete ao resumido espaço de uma pequena folha.

Antes porém, de o fazermos, cumpramos agradecer ao Sr. Torres, no

que diz relativamente á instrucção publica nesta provincia.

Se bem este ponto, seja áima das bases para melhor firmar seus erroneas apreciações e portuguezes, contudo, collocados sempre no terreno da imparcialidade, não escurecemos o que é real.

A instrucção publica nesta provincia, com honrosa excepções, em varios pontos, marcha pelo caminho do retrocesso; e seria de muita utilidade que o governo brasileiro cortasse esse mal.

Mal este, de que não são culpados os portuguezes, e por isso muito longe estão de serem perseguidos pelos brasileiros que o soffrem.

A noite

Reproduzimos hoje a poesia que sob a epigrapha *A noite*, vio a luz da publicidade no numero passado deste jornal.

Pelos erros involuntarios que nella sahiam, pedimos desculpa, ao publico e ao seu illu-tre autor.

Não partiam de nossa vontade esses erros; nem tão pouco os vimos, senão depois da entrega estar concluida, pois em caso contrario teriamos feito imprimir de novo o jornal.

Esperamos do publico e de seu autor, que essa falta involuntaria de nossa parte, nos será perdoada e até esquecida.

Reproduzindo essa poesia em seguida imprimimos um dever para nós muito agradável, tanto mais que essa poesia é um primor do genio e da intelligencia.

Ella é:

Figlia del ciel, sei bella!
Ma verrà notte ancor, che tu tu stessa
Cadrai per sempre, e lascerai nel cielo
Il tuo azzurro sentier!

(Cesarotti)

Noite serena, toda luz; que encanto,
No vôo fulgente de minuas côr!
Pallida luz pelo céu divaga;
Meiga poesia, que scismar de amor!...

E' dessas noites em que ha sonhos dôces,
De virgens tristes, suspirando amor;
Juaue aroma diffundindo enlivos;
Da primavera que rebenta em flor!

Crystalleas gottas de brilhante orvalho
Realçam folhas da roseira agreste,
Per'las de pranto que derrama a noite,
Placida e languida, que o luar reveste!...

Ao longos os êchos do oceano immenso,
Na mente acordam sensações saudosas;
Min' alma vôa, procurando os dias,
Da minha infancia d'esmaçadas rosas.

A' luz pallente dos clivros ethereos
Sobre os espaços de asilada côr,
E' doce ao peito na saudade infinda,
Scismar chorando, no materno amor!...

Noite d'encanto! — que bondosa fada
Sobre o teu manto, derramou poesia?...
Amo as tristezas dos teus gazes brancos
Mais que as bellezas d'um ridente dia!

Oh! vem—rolinha—que o silencio é doce
A noite é bella,—nosso amor immenso!—
Vem reclinár-te no meu peito ardente
P'allida imagem d'um sonhar extenso!...

Como a florinha pelo chão rolando
Jaz seu verdura, sem perfume e côr;
Tambem em rolo pelas densas trevas
Das longas noites de martyrio e dôr!

Rio Grande — 1870.

José P. Ribeiro.

peito. Assim decorreram alguns dias, até que chegou o instante de que estalasse todo o odio que este havia concebido contra a mulher que tanto havia amado. O primeiro cuidado de meu amigo foi procurar-se uma ama de leite, depois apresentou-se á sua querida, como um homem que tomou uma determinação immutavel. Estava pallido e sombrio, immovel como um juiz, inflexivel como o destino. Ella tremeu porque a consciencia lhe accusava. "Que tens?" lhe disse por ultimo. — "Senhora, respondeu meu amigo, dae o derradeiro beijo á vossa filha, pois já não o tornareis vós mais. A que roubou um titulo de um modo horrivel, e mandou assassinar a um homem que sabia o seu segredo e podia perdê-la com pronunciar uma palavra, não é digna de ser, nem a querida de um homem, nem a mãe desta criança."

Ao pronunciar estas palavras, a condessa de Segalvo deu um grito, e o conde de Malvar foi-se levantando de seu assento até ficar em frente da anciã, arrojando olhares terríveis e ameaçadores.

Tudo isto foi rapido como um relampago.

Porém a condessa repoz-se rapidamente, e o conde ficou tranquillo como se nada houvesse occorrido.

— Sabeis contar historias que affectam aos nervos, disse ella com o sorriso mais natural do mundo.

— Senhora, respondeu o ancião, sinto em extremo causar-vos semelhantes sensações. Se me prestae attenção, vos assombrareis ainda mais.

— Ainda falta?

— Sim fica o mais horroroso.

— Nesse caso, permiti-me que vos diga que não tenho valor para ouvir-vos. Me fazeis tremer sem saber porque. Rogo-vos, pois, que deis um salto na narração, para vir a parar ao encargo de vosso amigo.

— Vou comprazer-vos, querida condessa. O encargo está reduzido á procurar certos documentos que devem existir na corte, não sei em que officina, relativos ás causas que se seguiram sobre os attentados dessa mulher, cuja historia contei-vos ligeiramente.

— E que objecto tens com alcançar esses papeis?

— Um muito singello, senhora, contestou o conde de Malvar. Comprova a detenção dos bens e a identidade da pessoa a quem a dama que nos occupa, suplantou: reproduzidas as provas sobre o assassinato d'aquelle cavalheiro que entregou ao meu amigo a bolsa de velludo, facilmente posso proceder á busca da autora de tantas atrocidades.

— E staes encarregado disso?

— Justamente.

— Bem: e no caso que a encontras-seis?

— Em esse caso, a entregarei aos tribunaes com todos os documentos que acreditam essa historia, sepultada nas trevas do tempo passado, &c...

O conde deteve-se: a condessa o olhou com avidéz, e perguntou:

— E que?

— Que regularmente a enforcarão, res-

pondem o ancião encolhendo-se de hombros.

Uma gargalhada sardonica foi a contestação destas palavras.

— Staes decidido perguntou a condessa, a levar essa empresa adiante?

— Senhora, não é minha vontade a que obra, senão a vontade de um defuncto, morto tambem por essa mulher.

— Oh!

— Essa é a segunda parte de minha historia que já vos contarei outro dia, quando não vos causem espanto minhas palavras. Por agora como não creio mui difficil encontrar esses documentos, caso de que não hajam desaparecido em resultado da desordem ocasionada pelas tristes vicissitudes que nos rodeiam, nos limitaremos exclusivamente á pensar na felicidade de meu sobrinho. Ficarei sómente autorizada para procurar-lhe espoz.

— Aceito vosso encargo com summo prazer, respondeu a condessa de Segalvo, passando-se a mão pela fronte.

— O conde nada teve que dizer, e em seguida despedio-se da condessa. Esta, com a vista, fixa nelle, sahia até a mesma porta, a despedil-o; porém quando o viu desaparecer no fundo de seus saloes, quando ficou só, sem comprehender o que lhe havia passado, deixou-se cahir em uma poltrona, e cubrindo-se o rosto com as mãos, exclamou:

— Esse homem é um demonio! E elle... Sabe toda a minha historia! Quem, senão elle pôde sabel-a?

— E ficou prostrada sob o peso de sua consciencia, ou de pensamentos lugubres e sanguinientos.

CAPITULO XV.

o narcótico.

A condessa de Segalvo, longe de retroceder em seus negros projectos, dedicou-se com mais empenho a elles, logo que principiou a encontrar obstaculos insuperaveis em sua carreira.

Espirito rebelde, alma indomavel, cheia de poder e de riqueza estava no caso de escurar-se contra aquelle conde de Malvar que sahia do centro da terra para contar-lhe sua historia, e que sob o disfarce de uma politica fingida, parecia disposto á conduzi-la ao termo mais horrivel da existencia: á força.

Tinha, por tanto, uma necessidade imperiosa de encontrar apoio no partido francez unico que podia protegê-la e encubrir seus crimes, se por desgraça estes chegavam a descobrir-se: lhe era preciso buscar uma alliança estabelecida em solidos acontecimentos, para livrar-se com elles de toda perseguição que partisse do mysterioso conde de Malvar, cuja presença tinha a significação de um cadaver que se apparece por um mandado supremo, ou para levantar o sinistro véo do passado.

Lutando, pois, entre dois temores, um real e positivo, e o outro imaginario, a condessa de Segalvo decidiu-se a sustentar até o ultimo aquelle novo combate da fatalidade que o destino lhe apresentava. Os meios eram fúceis.

Primeiro : saber a residencia do conde de Malvar, seguiu-o secretamente, prepara-lhe um laço, e fazer-lhe por ultimo, cair nelle.

Segundo : procurar que os amores do general Maurice Mathieu alcançassem as mais lisongeiros esperanças e os gozos mais supremos : obrigar Mathilde a entregar-se, já como querida já como esposa, á este campeão dos francezes, conseguindo por este enlaço um poteitor infallivel, em caso de imprevistos contra-tempos.

Para conseguir o ultimo, era preciso vencer a repugnancia de Mathilde. Tal obstaculo, que surgia de prompto para detel a ou paralisar sua marcha atravez de tantos escolhos, lhe fez pensar em um meio que já uma vez lhe havia apparecido em sua imaginação.

Em o narcótico !

Entregar esta joven, sem vontade, atada de pés e mãos, ao general francez, era o mesmo que fazer uma venda horrivel de sua honra ; porém uma vez consummados os feitos estava segura da victoria.

Não tardou por conseguinte, em preparar tudo com uma sagacidade infernal. Estava segura de que não faltaria Maurice Mathieu á cita que lhe havia dado na noite anterior, e em tal estado, só restava esperar que Mathilde fosse victima do horrivel laço que se lhe estendia.

Porém a Providencia, mais bem que a casualidade, havia disposto as cousas de outra fórma.

Durante a visita do padre Roberto á condessa de Segalvo, Genaro dirigio-se á habitação de Mathilde, a qual estava no precioso gabinete forrado de velludo branco, que já conhecem nossos leitores.

Facil é comprehender o estado da formosa joven, depois da violenta scena que na noite anterior havia tido com a condessa de Segalvo. Mathilde estava disposta a contar á Genaro os mais intimos segredos de sua alma, posto que já não reconhecia estorvos para regular seu amor á uma conducta estudada e egoista ; porém quando vio este á seu lado, sempre com a regularidade que tinha em si mesmo, quando lhe recitou a carta que havia recebido aquella manhã, o desafio do general Maurice Mathieu, e lhe disse que estava disposto a morrer por ella, Mathilde esqueceu tudo para pensar naquella desgraça que novamente a ameaçava.

O tempo que os dous amantes estiveram juntos, foi uma hora de desesperação. Mathilde exigiu de Genaro que voltasse n'aquella noite, e Genaro, que achava nas palavras da joven um amor mais vehemente, mais verdadeiro, mais leal que nunca, lhe jurou voltar ; para cujo fim ella lhe entregou a chave de uma porta secreta, tamente de alguma nova traição da condessa, pois não duvidava que esta era a autora do desafio.

Pela dita porta secreta, Genaro podia chegar ao gabinete branco, sem ser visto por nenhum olhar investigador.

Mathilde ficou ultimamente só accossada de pensamentos atormentadores. Seu coração, tão energico e apaixonado, deixou-se levar d'essas idéas exageradas que nascem da vehemencia de almas como a sua ; as horas foram deslizando-se insensivelmente,

emquanto que seu pensamento voava por espaços novos e desconhecidos.

Pensava em Genaro, unica felicidade de sua existencia ; no desafio que se devia verificar-se em o dia seguinte ; no critico de sua situação ; e ultimamente, em aquella má adoptiva que o destino ou a casualidade lhe haviam proporcionado.

Tudo lhe causava terror e alarma.

Passado muito tempo da solidão e isolamento, abriu-se a porta do gabinete, e appareceu sua camareira Ignez.

— O que quereis ? perguntou Mathilde.

— D'onde deseja comer a Sra. condessa ? respondeu a joven.

Mathilde não estava disposta a sahir daquelle estreito asylo que guardava todos seus segredos, e respondeu que estava indisposta.

— Vos servirei o comer neste gabinete ? perguntou Ignez.

— Fazei o que entenderes.

Esta especie de autorisação foi sufficiente para que a camareira se apressasse a servir em uma mesinha alguns manjares dos mais predilectos da joven condessa.

Esta os olhou com indifferença.

— Não comeis : instou Ignez.

— Por agora não tenho vontade. Retirae-vos.

Acamareira fez um movimento de desgosto, porém guardou-se muito de não obedecer. Sandou e sahio.

Mathilde achou-se satisfeita quando viu-se novamente só. A melancholia é uma irmã da solidão, e ha momentos em que nos aborrece a formosura do dia e o resplandor do sol. A joven contava as horas para que chegasse prompto a noite ; sentia que os latidos de seu coração eram o echo fiel da tempestade que a dominava : todos os rumores a faziam estremecer. Ás vezes tinha desejos de chamar ao general Maurice Mathieu e oppor-se á que se verificasse aquelle duello que enchia sua alma de terror, porém o acto de chamal-o lhe dava certos direitos que ella não queria conceder-lh'os. Era preciso soffrer em silencio as terribes consequencias que pudessem resultar.

Ultimamente seu coração cheio de amargura não encontrou outro desabafo senão o pranto.

Suas lagrimas eram de fogo : seu espirito apaixonado e forte, adestrado na escola do grande mundo e rodando sempre de uma atmosphera falsa e glacial, não ponde resistir ao peso de tantas emoções, e houvera perdido o sentido, á não haver aberto uma daquellas magnificas janellas, cubertas de cortinas azues, para aspirar as geladas brizas da tarde.

Mathilde sentio que uma sede ardente a devorava, e depois de ter permanecido na janella alguns momentos, dirigio-se á mesinha d'onde os manjares estavam intactos verteo em um côpo parte da agua contida em uma rica redoma, e a apurou com anciedade.

Em seguida tornou a recostar-se no sofá.

A janella havia ficando aberta, e seus olhos formozissimos principiaram a vagar atravez dos objectos exteriores, com o abandono de quem não se detem em contemplal-os.

Via o céu cuberto de cinzentas nuvens, al-